

BULA MATARI

STANLEY, O VENCEDOR DUM CONTINENTE

Por Jacob Wassermann

CONDENSAÇÃO DO LIVRO DO MESMO TÍTULO

«*Bula Matari*» (o Quebra-Rochas) foi o nome que os negros africanos deram a Stanley. A obra do famoso romancista austro-alemão conta, além do episódio abaixo condensado, toda a história das aventuras de Stanley em África.

(Copyright 1933, Liveright Inc., Nova York.)

ENTRE A última página da *Autobiografia* de Stanley e a sua primeira grande viagem de exploração, a vida do herói está em parte velada de mistério. Tudo quanto dela podemos enxergar é uma incessante inquietação, a luta exasperada contra o desfavor da sorte.

No outono de 1862 vemo-lo «ceifeiro no Maryland». Serve depois como tripulante em vários navios, e um dia, tendo naufragado ao largo de Barcelona, salva-se nadando para terra, nu. Em agosto de 1864 assenta praça na Marinha dos Estados Unidos, e assiste em 1865 à sanguinolenta captura do Forte Fisher... Esse ataque foi descrito por Stanley em cartas que diversos jornais acolheram com interesse: e assim estreou-se ele como reporter.

A partir desse momento, tendo-se feito um ótimo correspondente de jor-

nais, cruzou em todos os sentidos a superfície do globo, fazendo a reportagem de guerras e revoluções. O seu trabalho atraiu a atenção do então jovem proprietário do *Herald* de Nova York, James Gordon Bennett. Um dia, em 1869, no momento em que acompanhava como reporter uma revolução em Espanha, Stanley foi chamado a Paris por Gordon Bennett:

—Tenho em vista uma importante tarefa para você, disse o proprietário do jornal. —Parece-lhe que Livingstone ainda estará vivo?

—Francamente, não sei dizer, respondeu Stanley.

—Pois *eu* penso que está, e que é possível dar com ele; e estou decidido a dar a você a missão de procurá-lo.

Estas lacônicas instruções não podiam deixar de causar surpresa ao reporter: partir assim, sem mais nem

menos, para o coração inexplorado da África, à busca dum homem que todo o mundo considerava morto!...

—O senhor já pensou na despesa?

—Claro. Você saca hoje mil libras, e quando as tiver gasto, saca outras mil; e depois mais mil, e assim por diante. Mas *ache* Livingstone! É tudo. Ache Livingstone... e vá com Deus.

David Livingstone — o «Buscarios», como o tinham apelidado os indígenas africanos—era um médico-missionário escocês que andava desde 1840 a explorar intermitentemente o interior da África. Era um homem digno de estima, e o seu corajoso trabalho em África tinha-lhe conquistado a admiração popular. Em 1866 partira de Zanzibar, a leste da costa oriental, para o interior, obcecado pela ideia fixa de descobrir as nascentes do Nilo, e desde então não havia mais notícias dele. O público inquietava-se pela sua sorte, e os jornais perguntavam continuamente: «Que sucedeu a David Livingstone?»

Entre os próprios amigos de Livingstone, aqueles que ainda o supunham vivo não poderiam tê-lo imaginado em peor situação do que, na realidade, ele se achava então. Com 57 anos, sem dentes, mal enroupado, vítima constante da doença, magro e debilitado pelas privações, abandonado pelos seus companheiros indígenas, o solitário missionário branco estava, sem que o soubesse o mundo exterior, enlanguescendo sem esperança na aldeola indígena de Ujiji, às margens do Lago Tanganica, separado do mar por 900 milhas de sertão, e rodeado de tribus belicosas.

QUANDO STANLEY chegou a Zanzibar, que seria o ponto de partida da sua histórica missão, não encontrou ali notícias de Livingstone,

nem carta de Bennett confirmando as ordens verbais de partir em busca do missionário perdido, nem remessa de fundos. Tudo o que restava ao correspondente especial eram 80 dólares em dinheiro. Mas tinha instruções: «Ache Livingstone!» E havia de achá-lo, custasse o que custasse.

Graças ao apoio do consul americano, conseguiu sacar sobre Bennett, levantando dinheiro bastante para equipar a sua caravana: 31 indígenas armados (denominava-os «soldados») e 153 carregadores. Em fevereiro de 1871 dava entrada num mundo para ele mais do que estranho. Tinha, pelo menos, um objetivo, muito embora vago e distante: a região de além Tanganica, onde dois anos antes a presença do missionário fora vagamente anunciada. A estrada que Stanley palmilhou («estrada» só em linguagem figurada: na realidade, apenas o esboço dum trilho) nunca fora pisada pelas solas de nenhum europeu. Nenhuma potencia européia sonhara jamais colonizar essa região que, na maior parte dos mapas da África Central, estava ainda representada por espaços vazios.

Durante os primeiros dias de marcha através da selva, Stanley sofreu ataques de febre tropical, alguns deles tão severos que o forçaram a ficar dias e dias estendido na rede, incapaz de se mexer, e por vezes num estado de semi-inconsciência...

As dificuldades que encontrou a caravana, para atravessar os numerosos rios que as chuvas transformavam em vastíssimos pântanos, eram quase insuperáveis. Matagais impenetráveis lhe barravam a cada passo o caminho, numa confusão virginal de trepadeiras enredadas. Os espinhos de arbustos hostis rasgavam lacerações profundas nas car-

nes; e uma planta havia, cujo contacto bastava para causar as mais dolorosas úlceras nas faces e na testa. Entre os imensos capins, que ultrapassavam a estatura dos mais altos negros, escondiam-se traiçoeiramente verdadeiros lagos de lodo. A selva pantanosa exalava eternos miasmas; mas quando, tão depressa livre desse inferno sufocante, a expedição alcançava terreno mais elevado e aberto, logo a lobrigavam facilmente os bandos de facínoras, e ficava no perigo constante de ataque. A fila coleante de soldados e carregadores acordava um coro atroador de pássaros da selva, pombos verdes, gralhas, ibis, faisões dourados, pelicanos.

E sempre, por toda a parte, as nuvens da insetos, praga infernal! Stanley descreve as «hostes inumeráveis de bichos de toda a ordem. Os exércitos de formigas—pretas, brancas, vermelhas—infestam aquele solo de maldição; centopéias de todo feitio trepam pelos arbustos e outras plantas; as pulgas, as bichas-cadelas e as moscas tsé-tsé são insupportáveis; e sob a folhagem dos arbustos escondem seus ninhos as vespas de cabeça amarela, cujo ferrão é tão peçonhento como o dos lacraus.»

Exasperavam-no a cada passo as suspeitas, o medo, a impudência, a velharia dos homens da caravana, e as exigências dos régulos negros que lhe saíam ao caminho, para lhe arrancar tributos. Teve de aprender a barganhar amigavelmente com chefes ameaçadores, e acabava pagando-lhes tributo com as contas, os panos, o arame de latão que trouxera consigo para esse fim.

Com o decorrer das semanas, os carregadores foram caindo doentes e ficando pelo caminho da selva. Muitas vezes toda a caravana quedava retida pela

fadiga inelutável. «Os burros, imoveis na lama, pareciam ter botado faizes nela. Os dias de chuva torrencial, os bosques gotejantes envoltos em névoas opacas, as terras inundadas, com extensões de erva-tigre tombadas pela água turva da inundação, os montes de árvores e canaviais apodrecendo—tudo isso era bastante para gerar as febres.» As bexigas começaram a cobrar o seu tributo de vidas. O explorador registou cenas de morte dignas de figurar numa história das campanhas de Alexandre-o-grande...

BEM ENTENDIDO, onde quer que parava, Stanley ia perguntando por novas de Livingstone: mas sempre em vão. Não desistia, porém, e avançava sempre. Os meses correram num vagar exasperante. Em outubro produziu-se uma séria amotinação entre o pessoal da caravana. Stanley dominou-a intrepidamente, com só avançar com desprezo para a espingarda do cabeça de motim. E para diante, sempre para diante,—através de ravinas e pantanais. Um guia apontava: «Aqui desapareceram, tragados pelo lodo, um mercador árabe e os trinta-e-cinco escravos da sua caravana...»

À noite os homens de Stanley sentavam-se em volta de fogueiras, tremendo de sezões, e receosos de se deixar adormecer, porque os leões rugiam por perto. Sem embargo de tantos obstáculos, a resolução de Stanley manteve-se firme: conduzir a expedição a destino. Escrevia no seu diário: «Alguma coisa me segreda que hei-de encontrá-lo! *Encontrá-lo!*—só estas palavras parecem dar-me força!»

Por fim, na manhã de 3 de novembro, a expedição Stanley topou no caminho uma caravana que vinha de

Ujiji. Stanley fez perguntas, e ficou excitado ao saber que em Ujiji estava um branco.

—Um homem branco?

—Sim, como o patrão... (*Patrão, aqui era o próprio Stanley.*) Tem cabelo branco na cara, e está doente.

«Hurra!» escreve Stanley no seu diário. «Temos Livingstone. Não pode ser outro!» Apelou para os seus homens: era preciso alcançar Ujiji em marchas forçadas! E o reporter, o salvador, lançou-se à travessia da selva como um furação...

A 10 de novembro de 1871, sendo sexta-feira, e o 236.º dia de marcha desde o litoral, a caravana deu entrada em Ujiji. Uma horda vociferante rodeou logo Stanley, e um negro alto, envergando uma longa túnica branca, precipitou-se ao encontro dele, apresentando-se como servo do próprio Livingstone. Stanley lhe ordenou que corresse a chamar o seu senhor, e o mensageiro partiu a toda a pressa, com a túnica branca a voejar atrás dele como um estandarte batido pelo vento... A coluna continuou a marchar, ladeada à esquerda e à direita por uma multidão em gritos.

Chegaram à praça do mercado, e ali os olhos de Stanley avistaram a imponente figura dum homem de idade. «Ao dirigir-me para ele, reparei que estava pálido, dando sinais duma extrema fadiga.» Seguiu-se então um lacônico dialogo, aparentemente isento de emoção—apesar de ser aquele um momento de triunfo—e que havia de apaixonar o mundo inteiro:

—Dr. Livingstone, suponho eu?...

—Eu mesmo, respondeu o missionário com um sorriso bondoso, erguendo um pouco o boné.

Stanley, que tirara o seu capacete

colonial, tornou a pô-lo na cabeça. Livingstone cobriu-se, e apertaram-se as mãos. Em seguida, algumas palavras que traíam um pouco mais de emoção:

—Agradeço a Deus ter-me concedido vê-lo, doutor Livingstone.

—Sinto-me muito feliz de lhe poder dar as boas-vindas...

O missionário ficou surpreso quando Stanley lhe explicou a que viera: nunca, pela cabeça do velho batedor de sertões, passara a idéia de que o mundo pudesse preocupar-se com a sua sorte.

Os dois homens passaram juntos quatro meses, explorando a região. Mas o missionário recusou acompanhar o seu salvador no regresso à Europa, como uma espécie de troféu vivo. Sabia talvez que a morte lhe não vinha longe. Ao seu destino cabia melhor morrer ali mesmo, no coração da África misteriosa, onde levara a cabo a sua missão.

De maneira que, em março de 1872, Stanley iniciou a marcha de regresso ao litoral. Dois meses depois estava em Zanzibar. E dezoito meses mais tarde, Livingstone exalava o último suspiro nas margens do lago Banguelo, hoje Rodésia do Norte.

OS HOMENS do tipo de Stanley parecem ter que pagar o preço da sua glória na pesada moeda do desencanto. Quando chegou à Inglaterra, por toda a parte as suas revelações foram acolhidas com desconfiança. Viu-se desmentido, censurado, tratado com desdém! O próprio presidente da veneranda Sociedade de Geografia fez-se porta-voz oficial desses ataques, recusando acreditar que Stanley tivesse podido avistar-se com Livingstone. Mas Stanley trouxera consigo cartas do próprio punho do missionário! Não importa: acusá-lo-iam mesmo de as ter

deliberadamente forjado... Sobre este jornalista e as suas «fábulas» africanas soprou o vento frio do desprezo de numerosas sociedades eruditas. Imprensa e sábios mais depressa se dispunham a acreditar que David Livingstone estava irremediavelmente perdido na selva africana, do que a admitir que um «reporter americano» o pudesse ter achado—um reporter sem noções de geografia, sem títulos científicos!

Veio então a histórica assembléia da Seção de Geografia da Associação Britânica. Perante um auditório de 3.000 pessoas, inclusive um grupo de grandes geógrafos, Stanley teve de justificar-se como se, na verdade, em vez de ter encontrado o missionário perdido, houvera cometido um atentado contra a Geografia oficial! O presidente fez notar com acrimônia que ninguém se achava ali para ouvir histórias fantásticas, mas sim fatos sérios, reais...

Stanley replicou com o fervoroso elogio de Livingstone, e traçou o mordaz paralelo entre o geógrafo em pantufas, na sua cadeira de balanço, despertando dum sono quieto para pontificar sobre a África desconhecida, e o corajoso velho que havia muitos anos por lá andava, no labirinto da selva, rodeado da hostilidade dos indígenas e dos elementos naturais, em busca da realidade!

Este discurso conquistou a simpatia de quantos o escutaram. E quando, pouco depois, a família de Livingstone reconheceu publicamente a autenticidade das cartas do explorador, os críticos remeteram-se ao silêncio. A rainha Vitória ofereceu a Stanley uma caixa-de-rapé, de ouro incrustado de diamantes.

Mas a fama já se tornava um fardo para ele, e a civilização um engano. A África transmitira-lhe ao sangue, para

todo o sempre, as batidas do seu «Grande Coração»... Tinha a imagem da selva sempre ante os olhos, com a sua estupenda novidade, a solidão sem limites, a inesperada grandeza dos seus panoramas, a magia de suas cores, a sonhadora transparência da luz africana, as imensas distâncias que produzem um sentimento de voluptuosa ansiedade, como se penetradas da irreal atmosfera de um planeta desconhecido... E esse império enigmático da selva fascinava-o, atraindo-o de novo a resolver os seus mistérios sem tempo.

A PARTIR de então Stanley fez história, da qual a nossa geração pouco sabe, ou talvez nada. As próprias dificuldades das suas expedições são ignoradas ou foram esquecidas. O seu encontro com o missionário-explorador fora apenas o episódio inicial duma cadeia de descobrimentos que mudaram a face de meio continente, do ponto de vista físico e econômico. As explorações que fez subsequentemente nas fontes do Congo ou Zaire, contam-se entre as grandes proezas geográficas de todos os tempos. Ao descobrir as fontes albertinas do Nilo, resolveu um problema milenário.

Quando Stanley morreu, era natural que a mesma sociedade que o atirara, menino desamparado, para um asilo, e mais tarde, homem maduro, o amesquinhou e duvidara de seus feitos,—era bem natural que essa mesma sociedade lhe recusasse sepultura na so-lene Abadia de Westminster...

Stanley ficou sepultado em Surrey, e um modesto obelisco sobre a sepultura apresenta esta inscrição: «Henry Morton Stanley. 1841—1904». E por baixo, com o seu cognome «Bula Matari», esta singela palavra: «África».

ainda manobrava com as suas duas metralhadoras, gritou:

—O japonês caiu!

O tenente Mitchell estava tranquilo, num canto, sentado sobre o saco do paraquedas. Perguntei-lhe se não queria dar uma olhadela. Havia um silêncio de dor no bojo do avião. De qualquer forma, a impressão era essa. Ficámos todos surdos. Ajudei Mitchell a levantar-se e sustive-o enquanto contemplávamos o espetáculo, em baixo, no mar. Apoiava-se em mim com uma das mãos e com a outra ia limpando o sangue da vista. Spitzer largara as metralhadoras e agora trabalhava com a máquina cinematográfica para fornecer ao Quartel-General a prova do feito.

Mantivemo-nos, assim, os três, numa opressão sem palavras, espremidos um contra o outro, olhando para fora. O japonês fumegava como um tanque. Um oval flamejante se esparramava pela superfície do mar, liso como uma pele. As chamas, de um vermelho—alaranjado, subiam alto, em grossas massas desdobradas, agitando-se à feição de uma bandeira entre nuvens de fumo negro. Quando o sobrevoamos pela primeira vez pareceu-me que as

labaredas cobriam hectares de oceano. No centro, jazia o avião japonês, pelado e negro como um esqueleto saído de um incêndio. Na margem do oval, viam-se dois pequenos objetos, que tanto poderiam ser homens como partículas dos destroços. Quereriam ambos livrar-se do fogo, ou estariam sendo arrastados pelas correntes devidas ao calor que se formara.

Voamos em círculo e descemos a 180 metros. A fumaça elevava-se acima de nós. O esqueleto do avião japonês desaparecera de todo, e as labaredas cobriam o lugar onde avistáramos os dois objetos escuros.

Rumamos de volta—uma bala num motor, dois rombos abertos nas asas, inumeráveis buracos menores, e cinco bocas de fogo inutilizadas.

O avião, um dos modelos mais antigos ainda em uso nesta guerra, havia feito, afinal, sob um tempo que bastaria para arrebentar qualquer aparelho comum, descidas em espiral, curvas e mergulhos que nos levaram à fronteira da inconsciência. O almirante John McCain não exagerou de certo, ao chamar à Fortaleza o melhor avião de combate para esta região do mundo.



Os holandeses «cooperam»

❑ QUANDO ANTON MUSSERT, o Quisling da Holanda, chegou a Haarlem para fazer um importante discurso, não esperava ser recebido com entusiasmo. Mas foi recebido com grandes aplausos. De fato, foi aplaudido todas as vezes que abria a boca para falar, e os holandeses ainda faziam soar as compainhas das suas bicicletas, para reforçar os seus aplausos. Mussert falou, mas ninguém pôde ouvi-lo.